DOI: 10.20911/21799024v13n1p39/2022

O dinamismo existencial-espiritual e a tarefa hermenêutica da experiência cristã de Deus

Erika Gomes Duarte ¹

Resumo: O presente texto tem como fio condutor o dinamismo existencial-espiritual. Este elemento irá atravessar a reflexão em suas três etapas. Na primeira etapa o dinamismo aparece como chave de leitura da condição humana. Já na segunda ele caracteriza os conceitos: experiência, experiência de Deus e experiência cristã de Deus. E por fim, em uma terceira etapa, situa-se a tarefa hermenêutica no coração do dinamismo da experiência cristã de Deus. A conclusão deste itinerário nos permite chegar a uma percepção mais profunda de que a dimensão existencial-espiritual da experiência cristã de Deus não pode ser controlada e nem mesmo monopolizada. Se trata de uma dimensão que se configura em um dinamismo vital, que por sua vez se torna o cerne, o coração da tarefa hermenêutica. Esta reflexão integra principalmente contribuições provenientes de dois teólogos, Raimon Panikar e Bernard Sesboüé, teólogos que procuram dialogar com os homens e mulheres de hoje e com a realidade atual.

Palavras-chave: Dinamismo. Experiência cristã de Deus. Tarefa hermenêutica.

Abstract: The underlying theme in this text is existential-spiritual dynamics. This element will run through the analysis in its three stages. In the first stage, the dynamics appears as a key to understanding human condition. In the second, however, it characterizes the concepts: experience, God experience and Christian experience of God. Finally, the third stage focuses on the hermeneutical task at the heart of the dynamics of Christian experience of God. The conclu-

¹ Mestranda em teologia na Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia. Bolsista da CAPES. Especialista em *Espiritualidade Cristã e Orientação espiritual* (2021), Faje. Bacharel em Teologia, Instituto Santo Tomás de Aquino (2017). E-mail: erikagomesduarte81@gmail.com.

sion of this itinerary will lead us to understand deeply that the existential-spiritual dimension of Christian experience of God can neither be controlled nor even monopolized. A dimension that turns into vital dynamics, which, on the other hand, becomes the core, the heart of the hermeneutical task. This study mainly integrates contributions from two theologians, Raimon Panikar and Bernard Sesboüé, who try to establish a dialog with men and women of our time as well as with our world.

Keywords: Dynamics. Christian Experience of God. Hermeneutical Task.

Introdução

Papa Francisco na exortação apostólica: *Evangelii Gaudium*, sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual, ao tratar do princípio: "o tempo é superior ao espaço", esclarece, nos números 222 e 223, que existe uma tensão bipolar entre a plenitude e o limite, e nesta tensão se valoriza a categoria do dinamismo.

Dar prioridade ao espaço leva-nos a proceder como loucos para resolver tudo no momento presente, para tentar tomar posse de todos os espaços de poder e autoafirmação. É cristalizar os processos e pretender pará-los. Dar prioridade ao tempo é ocupar-se *mais com iniciar processos do que possuir espaços*. O tempo ordena os espaços, ilumina-os e transforma-os em elos numa cadeia em constante crescimento, sem marcha atrás. Trata-se de privilegiar as ações que geram novos dinamismos na sociedade e comprometem outras pessoas e grupos que os desenvolverão até frutificar em acontecimentos históricos importantes. Sem ansiedade, mas com convicções claras e tenazes (FRANCISCO, 2013)

O dinamismo corresponde ao constante crescimento, à geração de processos. Nesta exortação, o dinamismo tem uma aplicação na construção do bem comum e da paz social, assim como no anúncio evangelizador.

Já na presente reflexão a categoria do dinamismo tem a função de ser um fio condutor, que atravessa a reflexão em suas três etapas, e tem um foco existencial-espiritual teológico. Na primeira etapa o dinamismo aparece como chave de leitura da condição humana. Já na segunda ele caracteriza os conceitos: Experiência, experiência de Deus e experiência cristã de Deus, para isso se recorrerá, principalmente, ao pensamento do teólogo Raimon Panikar. E por fim, em uma terceira etapa, a tarefa hermenêutica é situada no coração do dinamismo da experiência cristã de Deus.

1. O dinamismo como chave de leitura da condição humana

Para abrir a reflexão, inicialmente direciona-se a atenção para a condição humana, para alguns aspectos relacionados ao sentido da existência humana. Bernard Sesboüé faz uso da expressão "um polo aberto ao infinito" para falar do ser humano. Segundo o autor, o ser humano é um ser finito, rodeado de limites

desde o nascimento, porém habitado por um desejo de infinito (SESBOÜÉ, 2003, p.31)

Essa situação de tensão entre a finitude e o desejo de infinito se configura em um verdadeiro dinamismo de vida. O desejo de infinito, considerado em um nível existencial da vida pode favorecer, por exemplo, a busca para se desenvolver capacidades artísticas e técnicas, a busca pela relação de amor e pelo desenvolvimento do conhecimento. Mas ao mesmo tempo, faz parte deste mesmo percurso, tudo aquilo que situa o ser humano em suas limitações, por exemplo: calcular os custos dos estudos para adquirir conhecimento ou para realizar uma obra de arte, e se avalia igualmente o tempo para alcançar tais desejos.

Não se trata de uma busca sempre linear e bem-sucedida, e sim de um processo complexo, com inúmeros fatores envolvidos. Este processo pode ser aprofundado por diversos saberes: filosóficos, psicológicos, teológicos etc. No entanto, vamos traçar aqui somente algumas breves pistas de reflexão, abordando sobretudo dois perigos existenciais relacionados a este dinamismo.

O primeiro perigo é o da estagnação, que se dá quando a dimensão de abertura ao desejo de infinito está de alguma forma comprometida. Para ilustrar esta realidade podemos usar como analogia, as situações nas quais a pessoa não procura aprender nada de novo, ou se posiciona em ideologias fundamentalistas. Estas são expressões do que denominamos aqui perigo de estagnação.

Um segundo perigo é o da busca insaciável pela realização do desejo, que não se direciona mais para o infinito, mas para o egoísmo humano, algo que se dá quando se desconsidera a realidade de limitação na qual o ser humano se encontra. Podemos citar como exemplo uma pessoa que faz grandes dívidas para comprar de artigos de luxo, ou quando não se respeita os limites éticos na busca pelo lucro financeiro ou até mesmo quando se busca o prazer físico de forma abusiva. Neste caso há uma certa falta de aceitação da dimensão contingente da vida.

Estas considerações feitas sobre a condição humana não pretendem esgotar o tema, que é bem mais amplo e profundo. Aqui se pretende somente introduzir as próximas etapas desta reflexão que pretende aprofundar o dinamismo que marca a dimensão existencial- espiritual do ser humano, partindo da reflexão teológica.

2. Experiência, experiência de Deus e experiência cristã de Deus: elementos marcados pelo dinamismo existencial-espiritual

Neste ponto da reflexão, se faz oportuno explicitar um pouco mais sobre o que se entende aqui pelos conceitos: experiência, experiência de Deus e por experiência cristã de Deus. E para este esclarecimento recorre-se à contribuição do teólogo Raimon Panikar.

Primeiramente o autor explica que a experiência compreende quatro momentos que constituem elementos que se distinguem, mas que não se separam,

são eles: a experiência pura, ou seja, o momento vivido; a memória deste momento; a interpretação dada à experiência vivida e finalmente a recepção em um mundo cultural que confere a experiência um eco particular (PANIKAR, 2016, p. 24). A memória consente que a interpretação da experiência pura perdure no tempo, e esta interpretação, por sua vez, é condicionada pela cultura que a recebe (PANIKAR, 2016, p. 25)

Panikar ao se referir à experiência de Deus, elucida antes de tudo, que a experiência de Deus não pode ser monopolizada (PANIKAR, 2016, p. 38). Ao dizer algo sobre ela, o autor usa o termo “fragmentos em torno a experiência de Deus”. Em um destes fragmentos, o autor diz que a experiência de Deus é a experiência em profundidade de todas e de cada experiência humana, por exemplo da amizade. Em termos cristãos, a experiência de Deus coincide paradoxalmente com a experiência da contingência (PANIKAR, 2016, p. 40). Se trata de reconhecer a condição humana enquanto precária e gloriosa, experiência capaz subverter nossos valores, e nesta ruptura se dá início a libertação e à glória (PANIKAR, 2016, p. 41).

Para abordar o tema da experiência cristã de Deus, Panikar se servirá de trechos bíblicos, citaremos aqui, apenas alguns utilizados pelo autor:

- “Nele vivemos, nos movemos e somos” (At 17,28). Para o autor os três verbos da frase se referem aos aspectos fundamentais da experiência cristã de Deus. O verbo “vivemos” nos remete à experiência fundamental de Deus como vida. O segundo verbo “nos movemos”, nos fala da experiência de Deus como dinamismo incessante, graças não somente à nossa atração por Deus, mas principalmente porque Deus nos dá a possibilidade de nos movermos. Enfim, “Somos”, significa afirmar algo mais de que recebemos nosso ser de Deus, mas sim que participamos Dele (PANIKAR, 2016, p. 78-79)

- “Ninguém jamais viu a Deus” (Jo 1,18). A visão comporta o domínio da parte de quem vê, e Deus ninguém pode dominar. Podemos “saborear” Deus, mas não ver e dominar (PANIKAR, 2016, p. 80).

- “Para que Deus seja tudo em todos” (1Cor 15,28). O texto exprime finalidade e processualidade. O processo de divinização não consiste em um simples retorno ao ser de um Pai estático, porque o Pai é sempre Pai gerador. A divinização não é só resultado final entendido como êxito e retorno ao Pai, é progressivo “divinizar-se” de todos e de cada elemento da realidade. A experiência de Deus é experiência desta tensão, deste dinamismo de egresso e regresso que forma a inteira realidade, é a pericorese trinitária (PANIKAR, 2016, p. 80-81).

Os textos bíblicos citados acima transmitem uma ideia de experiência cristã de Deus que tiveram as testemunhas privilegiadas da vida do Mestre. São significativos também textos nos quais Jesus fala em primeira pessoa e nos quais se encontram traços da sua experiência trinitária:

- “Eu e o pai somos um”. Nesta frase podemos observar que existe distinção e ao mesmo tempo mútua comunhão entre o Pai e o Filho. O pai gera o Filho continuamente. As relações intratrinitárias são relações dinâmicas. E o ser humano é chamado a participar deste dinamismo (PANIKAR, 2016, p. 82-83).

- “Quem me vê, vê o Pai” (Jo 14, 9). Ver o Pai em Jesus significa que a verdadeira essência de Jesus é transparência. Esta transparência total traz implicações existenciais para nós, a nossa experiência de Cristo corresponde à experiência crística dos outros, se trata de uma experiência de abertura, doação e encontro (PANIKAR, 2016, p. 84-85).

- “É de nosso interesse que eu parta, se não for o paráclito não virá a vós”. (Jo 16,7). A primeira parte desta frase exprime que a experiência de Deus não se deixa objetivar, é uma contínua passagem. Páscoa. A vida é um constante dinamismo, assim como o é a experiência do divino. Contínua divinização da experiência da realidade. A segunda parte da frase fala do Espírito. O Espírito não é separável do Espírito de Cristo, mas não é subordinado ao *lógos*, ou seja, a dimensão espiritual não pode ser racionalizada. A relação com o Espírito não é causal, deve ser vital. O Espírito nos integra na vida trinitária. E tomar consciência de que somos guiados pelo Espírito é a experiência de Deus à qual todos podemos ter acesso (PANIKAR, 2016, p. 86-89).

A contribuição de Panikar amplia assim a percepção dinâmica da dimensão existencial da vida como também da dimensão espiritual. Dimensões que não se encontram separadas e sim unidas na condição humana. Ao se retomar os conceitos e os trechos bíblicos citados pelo autor, perceberemos a centralidade do dinamismo existencial – espiritual que caracteriza este conteúdo.

A relação entre Deus é profundamente movimento, dom e convite, mas também resposta e compromisso que envolve não apenas uma etapa ou momento privilegiado da vida cristã, mas envolve todo o caminho cristão. Isso se dá seja na ordinaryidade e na extraordinariedade, nos altos e baixos da vida do cristão.

É uma percepção que se amplia também com algumas considerações de Sesboüé. O teólogo ao refletir sobre a fala de Jesus sobre Deus nos Evangelhos, usa um adjetivo incomum para se referir a Deus, usa o adjetivo “desconcertante”, Sesboüé faz isso citando J. Schlosser.

Como o Deus de Israel, o Deus de Jesus é um Deus fiel e firme. Mas é também um Deus ‘desconcertante’ (J. Schlosser). Na parábola dos trabalhadores enviados para a vinha, ele dá o mesmo salário àqueles que contratou na última hora e àqueles que suportaram “o cansaço do dia e o seu calor” (Mt 20, 1-15). Ele justifica-se por pôr em causa a lei do ‘trabalho igual, salário igual’, em nome de uma generosidade superior. Ensina, igualmente, o amor aos inimigos (Mt 5, 44-45), ponto sobre o qual não somente ultrapassa o Antigo Testamento como contradiz a reação visceral de qualquer homem profundamente ferido por outro. Muitas das reações culturais expressas no nosso tempo mostram quanto a atitude de perdão que vai até ao limite é difícil e mesmo, por vezes, proclamada impossível, para não dizer inumana. Este Deus que convida a amar e a perdoar aos seus inimigos é aquele que o realiza (SESBOÛÉ, 2003, p.131).

Falar de um Deus desconcertante, é falar de um Deus que nos impulsiona a ir além de nós mesmos na busca pelo amor. Neste sentido a trajetória da vida humana também aqui é compreendida como caminho, processo e dinamismo;

isto porque a experiência cristã de Deus nos convida a acolher com benevolência a realidade da finitude humana, com suas limitações, discernir sobre ela, mas ao mesmo tempo não cessar a busca pela transcendência, pelo amadurecimento e crescimento constante.

3. A tarefa hermenêutica no coração do dinamismo da experiência cristã de Deus

Neste ponto da reflexão, a tarefa hermenêutica da experiência cristã de Deus é aprofundada. Para os cristãos, Deus se revela assumindo a condição humana através da encarnação do Verbo: "E o verbo se fez carne e habitou entre nós" (Jo 1, 14). O Filho ao se encarnar na história e assumir a condição humana não deixa de ser Deus, e nos revela a vida divina.

Na perspectiva cristã, Jesus Cristo é o cume da revelação de Deus. "Jesus revela Deus e o seu projeto sobre os homens através da sua presença e da sua própria manifestação, "por palavras e obras" (SESBOÜÉ, 2003, p 191). Nesta linha de compreensão pode se afirmar que a revelação em Jesus Cristo chegou a seu termo, ela está assim completa e concluída. Mas quais as implicações disso para o caminho cristão? Afirmar que a revelação chegou a seu termo não significa que o ser humano pode cessar sua busca interpretativa, e enfim assumir uma postura confortável no horizonte da estagnação como dito anteriormente. "Se é verdade que a revelação terminou com Jesus Cristo, na sua fase constitutiva, pelo contrário, na sua fase de recepção, ela continua durante toda a vida da Igreja e só terá terminado quando o último homem deixar de acreditar nela" (SESBOÜÉ, 2003, p 202).

Se a fase de recepção é contínua, mantém-se então uma tarefa hermenêutica permanente frente a esta revelação.

A respeito da tarefa hermenêutica, o teólogo David Tracy pontua que o coração desta tarefa é uma mediação entre o passado e o presente. Ele procura também afastar uma dupla ingenuidade: primeiramente supor que um pensador seja autônomo ao ponto de não ser afetado pela influência da tradição, e em segundo lugar, supor que o teólogo pode ser mais fiel à tradição mediante a repetição do que pela tradução crítica (TRACY, 2006, p.136-137). Há, portanto, aqui uma proposta de aceitação positiva da historicidade e da tradição e ao mesmo tempo se valoriza o serviço de interpretação, mediação e tradução.

A partir de tais considerações se pode intuir que a postura hermenêutica decorrente delas não corresponde à estagnação, fixação ou repetição. E não corresponde também à desconsideração do percurso histórico, da tradição. Por conseguinte, se torna necessária uma tarefa interpretativa que desemboca em um permanente dinamismo.

A tarefa hermenêutica se situa, deste modo, dentro da perspectiva dinâmica da condição humana e da experiência cristã de Deus, se trata de um chamado a ser fiel à experiência fundante, mas comprometido com o presente e com futuro da realidade histórica. Se faz necessário, portanto, olhar para realidade

humana, para seus desafios concretos e deixar-se iluminar de maneira sempre nova pela experiência cristã de Deus.

“Cada crente, cada povo, cada cultura, cada tempo da história deverá dar rosto à inesgotável riqueza de Cristo. Cristo é, para nós, um passado e um futuro” (SESBOÛÉ, 2003, p. 202). Se descortina, então, para a tarefa hermenêutica, não somente do teólogo, mas de todo cristão, um horizonte de entusiasmo, de compromisso para traduzir em nossa atualidade, cheia de desafios, novas compreensões do mistério trinitário, da experiência cristã de Deus.

Conclusão

A categoria do dinamismo que perpassa todo o itinerário desta reflexão vem a qualificar a tarefa hermenêutica da experiência cristã de Deus.

No primeiro tópico, relativo à condição humana, a perspectiva dinâmica da existência possibilitou que se destacassem dois perigos contrapostos ao dinamismo: a estagnação e a falta de aceitação da finitude humana.

Em seguida, ao se retornar às considerações de Panikar sobre a experiência cristã de Deus, emergem algumas marcas fundamentais da vida trinitária que trazem muitas implicações para vida cristã na atualidade. Sendo assim, quando o autor aborda, a partir de uma reflexão bíblica, que as relações intra-trinitárias são dinâmicas e que somos chamados a participar deste dinamismo; que a essência de Jesus é a transparência que implica para nós uma experiência crística do outro na doação e no encontro, e também que o Espírito insere o ser humano na vida trinitária. fica patente que o ser humano não pode renunciar ao uso constante de sua liberdade e responsabilidade na construção do Reino de Deus.

O autor em sua contribuição aponta para o fato de que não se refere, portanto, a conceitos estranhos à realidade humana. o chamado e a possibilidade aberta para participar do dinamismo da vida trinitária colocam o ser humano dentro do coração do dinamismo existencial – espiritual da experiência cristã de Deus. Este tema pode ainda ser bem mais aprofundado em nosso hoje da história. O próprio autor pontua que a descoberta do Deus trino cristão é ainda um grande desafio para a teologia no terceiro milênio (PANIKAR, 2016, p. 67).

Também as considerações de Sesboüé sobre o Deus desconcertante nos situam no dinamismo existencial-espiritual do amor cristão, que impulsiona a ir além de si mesmo, obedecendo a lógica do Evangelho. Cristalizar a imagem de Deus pode não corresponder a esta lógica e levar a uma estagnação, à uma ausência de amadurecimento da experiência de fé e de Deus.

Decorre da experiência cristã de Deus, uma tarefa hermenêutica situada no coração deste dinamismo. Nesta tarefa devem ser afastados outros dois perigos, o da tentação da monopolização e correspondente fixação reducionista da experiência e o perigo de desconsiderar a influência da tradição e da cultura no exercício desta tarefa.

Abre-se, então, um amplo horizonte para a tarefa hermenêutica cristã, pois todo cristão, povo e cultura e não somente os teólogos, são convocados a renovar o sentido existencial –espiritual da experiência cristã de Deus, em sua perspectiva dinâmica, com suas novas demandas e novos desafios presentes na realidade atual.

Bibliografia

FRANCISCO. Exortação Apostólica: *Evangelii Gaudium* , sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. São Paulo: Edições Loyola, 2013.

PANIKAR, Raimon. *L'esperienza di Dio*. Editrice Queriniana. 2016. Tradução nossa.

SESBOÜÉ, Bernard. *Pensar e viver a fé no terceiro milênio*. Convite aos homens e mulheres do nosso tempo. Coimbra: Gráfica Coimbra, 2003.

TRACY, David. *A imaginação analógica: a teologia cristã e a cultura do pluralismo*. São Leopoldo: Editora UNISINOS, 2006.